

Dentro de breves dias milhares de homens válidos vão ser condenados à vida corruptora das casernas

Nos primeiros dias do mês próximo efectua-se a incorporação dos recrutas: de todos os pontos do país homens na flor da idade são forçados a abandonar suas ocupações e suas profissões para dar entrada na caserna, com a agravante da maioria deles, por esse facto, lançarem na miséria as famílias de quem eram amparo. O Estado nunca, até à idade militar, se lembrou deles, senão para lhes lançar contribuições.

Não lhes deu escolas para eles se instruírem e educarem, não cuidou sequer das condições em que eles foram gerados e se desenvolveram. Numa só frase: nunca lhes deu nada e em troca exige-lhes tudo: a sua liberdade, a sua independência—a total abdicção da sua personalidade e da sua vontade—e, no caso de ser necessário, o seu sangue e a sua vida.

Que vão eles fazer para esses quartéis que persistem anacronicamente numa sociedade onde já não existem conventos? Uma só palavra suficientemente o indica: embrutecerem-se. Embrutecerem-se numa disciplina ministrada violentamente que lhes apagará todos os vestígios de humanidade.

Começarão por os forçar a envergar uma farda—uma farda universalmente manchada pelo sangue de todos os massacres e de todas as ignomínias—uma farda que os tornará diferentes dos outros homens, diferentes do meio honesto e laborioso donde os arrancaram. Essa farda diz-lhes que deixaram de ser homens, para passar a ser—soldados.

E em que consiste ser soldado? Ser soldado consiste em não ter vontade, nem dignidade, nem inteligência. Terá de se subordinar às ordens imperativas dos seus superiores sem fazer a mínima observação. Não mexerá os lábios, não fará um gesto, não terá uma atitude, fôrda da voz de comando. A inteligência é contra a disciplina; um soldado não pode raciocinar, tem de obedecer. Tem de acatar as ordens que lhe derem, por mais ignóbeis e absurdas que sejam.

O seu superior é um deus—um Deus dogmático, cruel, absurdo e extravagante como todos os deuses. Se o insultar, cala-se. Se o es-

bofetear, cala-se. Passivamente aceitará todos os sofrimentos, todos os castigos, todas as humilhações.

Ainda que o agridam bárbaramente, ainda que o cubram de injúrias, não esboçará um gesto, não terá uma atitude, não formulará um protesto—cala-se. Raciocinar ou protestar é contra a disciplina—uma disciplina severa e implacável que parece ter sido elaborada pela feroz bestialidade das idades primitivas.

O papel do Estado resume-se anualmente em deformar o cérebro de todos os rapazes que atinjam a chamada idade militar. Pacientemente, porfiadamente as casernas destruirão tudo o que constitui a alegria de viver num rapaz até fazerem dele esse ser anormal, irracional que é o soldado.

Esta obra de mutilação—para que? Para que os banqueiros pratiquem tranquilamente toda e espécie de especulações, para que os governos cometam todas as infâmias e pratiquem todos os crimes, para que uma minoria de exploradores possa tranquilamente tripudiar sobre uma maioria tiranizada, explorada e sufocada. O soldado está de sentinela ao crime, de guarda à opressão e de vigilância ao roubo. Se um dia o povo—o povo de donde ele veio e a que ele, mau grado sua farda, ainda pertence—se revoltar contra uma injustiça e quizer sacudir um jugo de miséria e de ignomínia ele só terá um dever—matar. Matar, mesmo que entre os revoltados estejam os que lhe estão ligados por graus de afinidade ou de parentesco; matar mesmo que entre os revoltados esteja seu próprio pai. E se tiver um gesto de recusa ou mostrar hesitação, arrancar-lhe-ão das mãos a espingarda e, friamente, fusilam-no. Fusilam-no por ser um mau soldado...

E' para fabricar homens capazes de assassinar que o Estado foi arrancar milhares de indivíduos que viviam do trabalho de suas utilíssimas profissões. Dentro de breves dias, desfilarão pelas vilas e cidades do país esses desgraçados condenados para recrutas, para aprendizes de assassinos.

A imoralidade dos negócios que o "Século" defende e as investigações do "austero" Alves Ferreira

Diz um velho ditado que é perigoso mexer na barriga das bestas quando elas estão a comer.

E' perigoso porque em regra elas escocem. A-pesar do perigo nós persistimos em fazer-lhes cócegas no ventre cheio, e mais: cometemos o arrôjo de mexer-lhes na própria mangedoura. Sabemos a sorte que nos espera. Mais dia menos dia o coice vem—e se não formos suficientemente ligeiros para nos escaparmos podemos ser atingidos.

Entretanto continuamos no cumprimento do nosso dever: elucidar a opinião pública, mostrar os podres dos que falsamente se intitulam defensores da Verdade e da Justiça.

Já revelámos algumas das razões da campanha de O Século. São muitas, como se sabe, excepto a que é nos que impingir, excepto a defesa do «património colonial».

As razões da campanha de O Século são simples:

1.º O risco que Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira sofriram, se o Angola e Metrópole comprasse as acções da Aliança, de serem corridos da direcção de O Século.

2.º O financiamento que o Angola e Metrópole fariam ao grupo rival de Hersent e Alfredo da Silva, habilitando-o à posse das oficinas e docas da Exploração do Porto de Lisboa.

3.º O financiamento feito pelo Angola e Metrópole à Companhia do Amboim, o qual prejudicava fortemente a Companhia União Fabril, onde Alfredo da Silva é o maior interessado.

4.º A conveniência que o Banco Ultramarino tinha em inutilizar o adversário temível que era o Banco de Angola e Metrópole.

Procure o leitor nestas quatro razões fundamentais da campanha de O Século o interesse da nação que é de defender. Procure ainda a defesa «patriótica e desinteressada» das colónias. Encontra? Não encontra. O que se vê é a defesa dos que arruinam as colónias, como o Banco Ultramarino; o que se vê é a defesa de negócios tenebrosos que interessam a criaturas que têm roubado o país e que estão interessadas até na venda das colónias, como vemos noutro artigo em que desenvolvidamente tratamos deste gravíssimo assunto; o que se vê é a defesa dos interesses pessoais do sr. Carlos de Oliveira e do sr. Pereira da Rosa, «patriotas» este cujas relações internacionais, bastante suspeitas, não de ser por nós analisadas dentro de pouco tempo.

A fúria purificadora de "O Século"

Ainda ontem O Século, paladino da moralidade, afirmava que havia de depurar a vida portuguesa trazendo arrastados pelas orelhas à praça pública todos os que previam. Evidentemente, aquele cruel executor da justiça há-de deixar-se vencer pela piedade por alguns amigos que, para fazerem pelo seguro os seus negócios duvidosos, se servem do próprio Século para lançar a confusão nos espíritos. A Companhia União Fabril, o Banco de Portugal, o Banco Ultramarino, a casa Tota, o sr. Vasco Borges, a casa Burnay e outros que têm sugado as energias ao povo e feito fortunas à custa da miséria do proletariado serão poupados, certamente, à fúria purificadora do Século...

Este não vai com certeza revelar que a casa Carlos Empis, da rua de São João, estreitamente ligada à firma bancária Henry Burnay & C.ª, obteve, talvez devido aos seus lindos olhos, do ministério Lima Bastos grandes facilidades a respeito de fornecimentos por conta das reparações alemãs e também no grande negócio relativo às oficinas dos Caminhos de Ferro do Estado no Barreiro e Lavradio e em que há diversos interessados, entre os quais o visconde de Riba Tâmega, um irmão deste—não podia deixar de ser—o impoluto Vasco Borges. Até por sinal Riba Tâmega e o irmão foram várias vezes ao estrangeiro tratar deste esplêndido negócio.

Houve, porém, uma criatura que tentou destruir o negócio que caminhava tão bem... Essa criatura era Nuno Simões, ministro do Comércio. Compreende o leitor os altos princípios da moralidade que presidiram à campanha do Século contra o dr. Nuno Simões?...

A voz da alta vilanagem

Como se vê os interesses mais baixos, mais reles, mais repugnantes coligaram-se na grande campanha do Século. Os impropérios que aquele jornal, dia a dia, vomitava ora contra este, ora contra aquele, eram como ramos frondosos duma grande árvore de crime e de roubo em cuja sombra se ocultavam os homens do Banco de Portugal, do Banco Ultramarino, da casa Empis, do Burnay, da Companhia União Fabril, da firma Hersent, isto é, a nata da alta ladroagem, o que há de melhor na finança especuladora, dos Bancos emissores de notas falsas e dos trusts industriais.

Defende o Século tanta imoralidade, tanto roubo que não seria injusto que a população operária, roubada por essa gentinha e ludibriada pela simpática gazeta, lhe fizesse uma manifestação de aplauso, pelo desinteresse e patriotismo das suas campanhas...

E para fecho deste corolário de infâmias põe-se à frente das investigações do caso Angola e Metrópole um homem que segue as indicações do Século como um crente os conselhos dum vigário. Alves Ferreira recebe pela leitura do Século cuja doutrina acata cegamente, as sugestões do Alfredo da Silva, do Burnay, do Banco de Portugal, do Ultramarino, da fina flor dos exploradores do povo—porque o Século é o órgão de toda essa vilanagem.

A "chantage" do "austero" investigador

E já que tocamos hoje mais uma vez no austero investigador Alves Ferreira, aproveitamos o ensejo para comunicarmos aos nossos leitores que o homem tentou destruir, embora com pouca habilidade, coitado, numa entrevista concedida à Tarde, o que bem claramente relatámos há dias sobre sua desleal intervenção no falido Banco de Seguros. Porém, o sr. Amândio Maciel que foi intrujado por ele no referido Banco respondeu-lhe anteontem numa carta publicada no mesmo jornal e que nós hoje transcrevemos para que conste:

Sr. Director de «A Tarde»:—No seu jornal de 11 do corrente, de que só agora tive conhecimento por intermédio de um amigo, um dos seus reporters escrevendo uma entrevista havia com o juiz Alves Ferreira, meu parente por afinidade, visto que sou primo de sua esposa, diz, referindo-se ao Banco de Seguros de que fui director, ter-se-a verificado actos de chantage.

Não sei se o reporter se refere a actos que denunciarei e que entreguei nos tribunais que me têm dado toda a razão e verificaram que eu era credor.

Como isto interessa à minha dignidade, apelo para a honra de V. para esclarecer esse ponto da entrevista.

Estimei ver exposta pelo sr. dr. Alves Ferreira a declaração de que só assinou o parecer de um balanço (em 31 de Março de 1921) depois de escutar o guarda-livros (Capitão Macedo) que lhe deu os melhores informes, balanço último da minha gerência que foi aprovado na assembleia geral ordinária de 30 de Abril de 1921, que logo à primeira convocação e com enorme concorrência de accionistas terminou por votar uma moção de louvor e de confiança ao director.

E' pena que o sr. dr. Alves Ferreira viesse tão tardiamente com estas declarações, pois que deu lugar a que se explorasse com o seu nome em dois balanços falsos posteriores, cujos impressos tenho em meu poder.

Nestes documentos aparece também o nome do guarda-livros Rafael Ramos que não concordando com estes não assinou, e que a-pesar disto foram aprovados em assembleias ilegais, sendo duas destas assembleias já anuladas pelos tribunais.

Subscrevo-me de V. com a mais subida consideração—Amândio Maciel.

Efectivamente houve actos de chantage no referido Banco. Tiveram razão o dr. Alves Ferreira em afirmá-lo e o sr. Maciel em confirmá-lo na carta que acima transcrevemos. Como qualificar o procedimento dum juiz, que não pode ignorar a lei, que permite que o seu nome apareça a assinar um Parecer de Conselho Fiscal onde figuravam apenas duas assinaturas, quando legalmente deveriam figurar três? Chantage! Como qualificar o proceder dum homem que se presta a aprovar balancetes falsos que o guarda-livros da empresa se recusa a assinar? Chantage.

Chantage, sr. Alves Ferreira, pura chantage é o termo que se aplica às pessoas que procedem como o actual juiz investigador procedeu no caso do falido Banco de Seguros.

O OPERARIADO E A GUARDA REPUBLICANA

Resultado do julgamento que acaba de se realizar em Silves

No dia 21 respondeu em processo correccional o operário Augusto César da Silva, que a guarda republicana, para justificar as violências que contra a população operária exercem, chegando a causar a morte dum trabalhador, accusava de ter incitado a multidão a desacatar a força pública. As provas de accusação constituíram no depoimento de três guardas republicanos que afirmaram ter o acusado praticado os factos por que estava indiciado, o que foi contrariado pelas testemunhas de defesa. Depois do discurso do advogado enviado de Lisboa pela organização operária, dr.

INSTRUÇÃO

Escola móvel oficial do Concelho de Almada

Na sede da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada começou ontem a funcionar uma escola móvel para ensinar os menores.

A inscrição de alunos encontra-se aberta em todos os dias uteis, excepto às quintas-feiras.

O 1.º Congresso dos Mutilados e Inválidos da Guerra

O congressista capitão Flores afirma à «Batalha» que este congresso representa uma vitória do Sindicalismo

COIMBRA, 19.—E' A Batalha a tribuna do alto da qual se desferem os raios de revolta dos espoliados, dos desprotegidos, das vítimas duma sociedade iníqua, contra a qual pugnamos, numa luta estrénuu, ardorosa.

Por tal motivo, não podia A Batalha alhear-se do movimento reivindicador, a que aliás tem dispensado todo o carinho, daqueles que, roubados pelo Estado opressor, serventário dos interesses oligárquicos, ao campo das actividades úteis e pacíficas, foram tiranicamente arremessados para os campos de batalha, que, ingloriamente, regaram com seu sangue mártir, onde aniquilaram suas faculdades produtivas, e donde regressaram inválidos arrastando hoje, a oito anos da terrível hecatombe, a pesada cruz da sua miséria ingente, por entre o desprêzo e a indiferença revoltante dos políticos, que em nome duma burla: a Pátria—os levaram, como a um pánuirico rebanho, ao matadouro colossal da guerra.

Foi com júbilo que acolhemos a notícia de que, vindos de todos os pontos do país, os mutilados e inválidos da guerra reuniram-se em Coimbra, numa assembleia magna, para, tão alto quanto lho permitissem seus pulmões arruinados pelas intempéries e a acção deletéria dos gases, gritarem os seus direitos espinhados pelos corruptos e venais políticos que constituem o Estado.

Com interesse acompanhámos todos os trabalhos do Congresso, que—digamos de passagem e lealmente—por vários motivos que em outro artigo exporemos, longe de corresponder inteiramente às nossas previsões, não nos satisfaz em absoluto.

Desde o início do Congresso, A Batalha alimentou o desejo de, como porta-voz de todos os lesados, sobre o 1.º Congresso dos Mutilados e Inválidos da guerra (suas causas e efeitos) trocar de perto impressões com alguns dos congressistas.

Evidenciados pela atitude desassombrada e enérgica com que, contra os altos poderes, pela defesa dos interesses dos humildes inválidos, marcaram a sua presença no Congresso, estavam naturalmente indicados para serem ouvidos, os congressistas srs.: Manuel Joaquim Pereira, ex-1.º sargento e actualmente exercendo uma função útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, novo e inteligente; e Flores, capitão reformado, que no Alentejo, entregue a um labor humilde, esquece as agruras da guerra que o mutilou, e recorda os transe da mocidade irrequieta que passou, absorvido pelas lutas em prol da Liberdade.

Na impossibilidade de ouvirmos ambos, como seria nosso desejo, limitámo-nos a ouvir do sr. Flores as interessantes declarações que nos esforçamos por reconstituir o mais fielmente possível.

Apesar de o Congresso aprasámo com ele uma entrevista que deveria realizar-se no café de Santa Cruz.

A' hora prevista lá nos encontrávamos.

Então, sempre está resolvido a dizer algumas palavras sobre o Congresso?

—Porque não, meu amigo? Sempre tive para esse jornal a mais viva simpatia, tanto pelas suas ideias de que eu sou simpatisante—afirmo-o publicamente—como pela energia que põe na luta contra as immoralidades desta sociedade egoísta e depravada.

—Essa simpatia mais se radicou em mim, depois da atitude assumida pelo vosso jornal de carinhosa defesa da causa dos mutilados, perante o silêncio de outros jornais e em frente do desprêzo revoltante com que o Estado acolhia as reclamações das vítimas infelizes da guerra.

—Sim! O Estado tem praticado a injustiça de responder com a mais glacial frieza às justas reivindicações daqueles que, por ordem do mesmo Estado, foram povoados os campos de batalha, de onde voltaram com a saúde arruinada e trazendo a menos qualquer pedaço do corpo!

—Desassombradamente, condeno a má administração dos políticos republicanos. E posso fazê-lo. O meu passado impoluto de republicano, perseguido na Monarquia, tendo lutado na Rotunda em 5 de Outubro pela implantação do que eu julgava vir satisfazer as mais caras aspirações do povo, perseguido na República durante o povoado de Afonso Costa pela atitude de franca rebeldia perante as prepotências do partido democrático—a que eu chamo partido autocrático—o meu passado impoluto, repito, de sacrificios pela República, dá-me autoridade para tal fazer.

—Hesitação na concessão de algumas palavras? Como posso eu tê-la, se esse jornal é a voz do Povo, do Povo a que eu pertenço e por quem ergui sempre o meu grito em todas as situações? Velhos militantes operários—como o saudoso Bartolomeu Constantino e outros, de quem fui amigo—conheceram-me e com eles várias vezes compartilhei a prisão...

—Sobre o Congresso, a sua opinião é... —preguntámos, a alhar o ex-capitão Flores, que, todo entregue à evocação dum passado que lhe parecia grato, se distanciava do assunto que, neste momento, mais nos interessava.

—A minha opinião é, antes de mais, que a realização deste Congresso representa uma vitória do Sindicalismo—disparou sobre nós, que não esperávamos tal afirmação, o nosso interlocutor.

—...do Sindicalismo, disse?—esclarecemos um pouco espantados e receosos de havermos ouvido mal.

—...do Sindicalismo, sim!—sustentou. —Não é o Sindicalismo a luta de classes, tendo por objectivo a defesa dos interesses das mesmas?

—Então, um número grande de homens que se apercebem das desvantagens da sua desunião e se associam para, mais fortemente, arrancar ao Estado uma determinada soma de regalias que o Estado persiste em não querer conceder-lhes, gentão esses homens, repito, não fazem sindicalismo?... —Pois é o caso dos Mutilados e Inválidos da Guerra! Os Mutilados e Inválidos da Guerra tiveram que reconhecer que, enquanto desassociados, implorando, apresentando humildemente petições ao Parlamento, nada conseguiriam, e que somente unidos lhes seria possível fazer valer as reivindicações a que tinham incontestável direito.

Por este motivo, congregaram seus esforços para a consecução de fins que, comumente, lhes interessavam.

—Todos se recordam dos passos que os mutilados perderam nos Passos Perdidos. Tudo em vão.

—Convençam-se: Os Mutilados e Inválidos da Guerra só conseguiram obter aquilo a que têm jús, pela força que resultou da sua organização!

—A futura organização dos Mutilados e Inválidos da Guerra terá intuíto militaristas?

—Pode haver quem suponha tal, mas erradamente. Por mim direi: os mutilados sofreram já, durante os anos da guerra tantas e tamanhas provas que não é crível que acalentem ainda quaisquer sonhos militaristas.

—O que os mutilados desejam é, pela sua situação, que aliás não foi por eles criada, mais respeito por parte dos governos. Nós—os mutilados e inválidos—somos o espelho fiel das tristes consequências dos apetites egoístas dos imperialismos. Somos as principais vítimas duma sociedade baseada nas ambições capitalistas...

—...Mas! ¿crê que com a realização deste Congresso se obterá tudo o que os inválidos reclamam?

—Não! Não sou tão ingénuo que creia tal! Ainda há muito a fazer, muitas más-vontades a vencer. Espero, no entanto, que, com persistência e trabalho, levemos os governos a enveredar por um caminho respeitador das nossas aspirações.

E, a terminar a entrevista que o capitão reformado, sr. Flores, amavelmente nos concedeu:

—Pelas suas palavras de repassada revolta contra a atitude dos poderes públicos, em face das reclamações dos mutilados e inválidos, devo concluir que mantem a afirmação que fez no Congresso, e que tão violentos protestos levantou da parte da maioria dos oficiais, de que o Congresso era de revoltados...

—Justamente! Afirmei, por entre protestos de muitos srs. oficiais, que o Congresso era constituído por revoltados. Disse e confirmo. —Que outro sentimento, senão revolta, poderemos sentir no peito aqueles que, obedecendo às ordens dos governantes, trocaram os lares, as noivas, a terra natal, pelas agruras dos campos de batalha, de onde voltaram inutilizados, para somente virem encontrar nos dirigentes da nação indiferença pela sua situação angustiosa? —Sim! A massa anónima dos mutilados, pobres camponeses, cujo único recurso é a terra, que não podem cultivar por motivo da sua invalidez, é naturalmente revoltada contra a ingratitude, a injustiça dos detentores do poder!

—Estava a concluir a entrevista a que um apêrito de mão muito efusivo pôs termo.—C.

O conflito entre a Câmara e a Companhia do Gás

Ontem, pelas 15 horas, o presidente da Comissão Executiva dr. sr. Corvinei Moreira, acompanhado do seu secretário sr. Eduardo Simões, do engenheiro encarregado dos serviços de iluminação sr. Tito de Sousa Lopes e do chefe da esquadra da C. M. Marcelino Aleixo, no automóvel do serviço dos Incêndios dirigiram-se à Junqueira apanhando-se no local onde está situada a máquina geradora de electricidade central—Tejo. Guardavam o automóvel uns vinte guardas de polícia. Procurado o engenheiro da geradora este compareceu imediatamente, sendo-lhe comunicado pelo engenheiro sr. Tito de Sousa Lopes que a Câmara Municipal de Lisboa havia retirado às Companhias Reunidas de Gás e Electricidade as licenças que lhe tinham sido concedidas para a produção e exploração da energia eléctrica, pelo que a geradora tinha de suspender o seu funcionamento. O engenheiro encarregado da fábrica prometeu cumprir as ordens da Câmara e decorrido algum tempo, a geradora deixou de facto de funcionar.

O presidente da Comissão Executiva sr. dr. Corvinei Moreira com as pessoas que o acompanharam regressou aos Paços do Concelho, não ficando na fábrica polícia alguma, pois parte dos que ali se encontravam retiraram para a Câmara e outra parte para a esquadra de Belém, onde ficaram de prevenção.

A luz faltou durante duas horas. A intenção da Câmara é abrir concurso para nova concessão. Duas horas depois da Câmara ter cortado a energia eléctrica, o ministro do Interior ponderando a falta que esta fazia à cidade mandou pôr a geradora a trabalhar.

O presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa, sr. dr. Corvinei Moreira, tendo verificado pouco depois das 17 horas, que havia luz electrica no edificio dos Paços do Concelho, e que por consequência a Companhia continuava a produzir energia eléctrica para o que já não tinha licença, enviou o seguinte officio ao sr. presidente do ministério por lhe haver constado que fôra elle que dera ordem à Companhia para restabelecer a corrente:

«Ex.ª sr. presidente do ministério e ministro do Interior.—Havendo a Câmara Municipal de Lisboa retirado às Companhias do Gás e Electricidade as licenças para a produção e exploração da energia eléctrica e acabando de constatar que elas continuam a fornecer essa energia e constando-me que, se assim proceder, é por ordem de v. ex.ª, venho pedir-lhe o obsequio de me informar em que condições é que v. ex.ª lhes deu essa ordem pois necessário illicidar a Câmara e os consumidores».

A este officio respondeu o presidente do ministério sr. Antonio Maria da Silva com o officio do teor seguinte:

«Ex.ª sr. presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa.— Informo a v. ex.ª que, de facto, e por mo-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Notas falsas e comentários verdadeiros

Foi preso em Évora um indivíduo acusado de passar cédulas falsas de 10 centavos. Como neste caso não deve estar comprometido nenhum político, nem é necessário demonstrar a inculpabilidade de nenhum Banco, a lei vai ser com elle extremamente rigorosa. Mais tarde este passador de cédulas falsas de 10 centavos há de arrepiar-se de exaspero numa cela da Penitenciária e fazer este comentário tão doloroso como verdadeiro:

«Fui um estúpido em fazer notas falsas de 10 centavos. Se tivesse emitido notas verdadeiras de 500 esdudos teria enriquecido e andaria em liberdade. Estaria «inocente» por toda a vida!»

A profecia de Cristo

As Novidades lamentam que o carroço de New York tenha pedido a demissão desgostoso não com os supplices que infligia e com as pessoas que assassinava, mas sensibilizado com o seu vencimento que considerava exigiu. As Novidades lamentam, eristamente, não a existência anti-social dos carroços, mas o facto de a justiça que assassina ter perdido o seu precioso servi-

Bem dizia o Cristo que o seu reino era deste mundo. E no tempo das suas predicas ainda não existiam as Novidades.

Hipocrisia

O Século, a certa altura da sua abjecta campanha contra o objecto Nuno Simões encomendada pelo objecto Alfredo da Silva tem esta entendedor tirada justiciera: «Então, um ministro que põe a sua pasta ao serviço dos burlões, para enriquecer, é mais digno de comensação do que um pobre diabo que ronba para matar a fome».

Para avaliar da hipocrisia deste período bastaria apenas que um pobre diabo comesse um pequeno furto num dos estabelecimentos dos actuais proprietários ou dirigentes daquele jornal. O pobre diabo seria logo o «famigerado gatuno», o «terrível bandido» apodado, estes que o Século tem aplicado, inúmeras vezes, a pobres diabos que agonizavam de fome.

Uma medida inexplicável

A secção de serviços fisioterápicos que se encontra instalada no Hospital de São José não tem as condições requeridas para esse fim, mas sempre se conseguia que nela fossem tratados 128 doentes.

Pois agora foi ordenado que a secção daqueles serviços fosse transferida para uma sala subterrânea sem conforto de espécie alguma e sem condições sequer para ai

instalar os aparelhos necessários, o que dá como resultado só poderem ser tratados apenas 5 doentes por dia. Ora na sala do Hospital de S. José podem ser tratados 25 doentes diariamente.

Esta medida causa grandes transtornos aos doentes, o que basta paramerecer a nossa desaprovção.

Uma arremetida

O Século publicou ontem uma carta do secretário geral do Sindicato Ferroviário da C. P., accusando A Batalha de parcialidade no conflito existente entre o mesmo e a Federação Ferroviária. O Século, que nunca conseguiu responder às accusações que lhe vimos fazendo, aproveitou o ensejo para com metralha alheia atacar este jornal. Não nos assustam as arremetidas do órgão das «forças vivas»—usamos caneleiras.

Reina a paz em Lourenço Marques...

Informam-nos da arcada:

Em resposta aos telegramas que o sr. ministro das Colónias, enviou ao alto comissário de Moçambique, pedindo informações acerca de umas notícias alarmantes vindas a público, sobre atentados dinamitistas ocorridos em Lourenço Marques, aquele funcionário telegrafou o seguinte:

«No domingo à noite houve apenas um simples acontecimento de rua. Dois civis não funcionários que não pertencem nem nunca pertenceram ao caminho de ferro de Lourenço Marques, envolveram-se em desordem em consequência de uma rixa atida. Um dos antagonistas foi morto pelo outro, tendo sido o caso entregue à polícia.

Muito mais tarde, pretendendo talvez criar juntamente com aquele incidente uma atmosfera de alarme público, dois antigos elementos do caminho de ferro de Lourenço Marques lançaram um cartucho de dinamite num quartel das proximidades do Carlton Hotel, sem causar prejuizos de qualquer natureza.

O facto de estar alojado nesse hotel o director do referido caminho de ferro, pode ter dado origem aos telegramas publicados nos jornais de Lisboa. O autor do lançamento do cartucho de dinamite foi preso.

Continua a tranquilidade em Lourenço Marques».

Lêr a revista gráfica RENOVACAO

HOJE
Eden Teatro
Telef. 11.3300
HOJE e todas as noites em duas sessões a deliciosa revista
FUNGAGA
O mais deslumbrante espectáculo com o novo quadro
PIM! PAM! PUM!
Impresonho todos os noites com o concurso do público
A TAGARELA
Interessante número interpretado pela gentil «Bibette»
LAURA COSTA
HOJE—Estreia do actor-cómico
Alberto Reis
HOJE

Mais uma grande barba-ridade da G. N. R.

Sem lhe alterarmos uma virgula, sequer, transcrevemos do *Diário de Lisboa* a horrosa descrição que se segue:

«Parece que alguns soldados da Guarda Republicana de Sintra se têm esquecido dos seus deveres, praticando tropelias que pelos seus superiores devem ser severamente castigadas.

Assim, conta-nos alguém, que nos merece a maior confiança, que, na terça-feira, ao fim da tarde, deu-se na linda vila uma cena digna do Riff.

Francisco dos Santos, solteiro, de 33 anos, natural de Torres Vedras, tendo sido contemplado com a «vuladur», veio a Lisboa receber os dois contos e quinhentos que lhe couberam, regressando a Sintra. Na terça-feira, a tarde, estava numa taberna do bico do Teixeira, comendo e bebendo, e, a certa altura, uns soldados da G. N. R., como lhe vissem na mão uma nota de conto, suspeitaram dele e prenderam-no.

Não se contentaram, porém, com isso, e começaram a agredir-lo. Ao chegar perto do posto, o preso, convencido de que lá dentro as agressões aumentariam em fúria—tanto mais que a voz do povo diz que não é a primeira vez que ali batem nos presos—puxou uma pistola, disparando um tiro e fugindo.

A bala foi atingir numa omoplatea um dos soldados—o n.º 21, Joaquim Borda de Aguiar. Os outros soldados—o 147, José da Rosa, e o 187, José Garmachão—foram ao posto buscar as armas—e Sintra nessa noite ficou em estado de sítio, porque os guardas, na ansia de apanharem o Santos, para saciarem a sua fúria, mandavam meter as pessoas em casa, dispersando os grupos, etc.

Entretanto, o Francisco Santos, que apenas quisera evitar o ser agredido pela G. N. R., apresentara-se ao cabo-chefe de Galamares, sendo conduzido para a esquadra de Sintra.

Logo que tal souberam, quatro soldados da G. N. R. dirigiram-se ao cabo Simões, que foi iludido na sua boa fé, dizendo-lhe que o preso se evadira do posto e que o tenente comandante da G. N. R. lhe ordenava que lho entregasse.

Assim que o Santos caiu nas mãos dos quatro selvagens, começou a ser vítima das mais bárbaras violências.

No posto despiram o preso e depois de o obrigarem a beber coisas imundas, puzeram-lhe em cima um selim e esprearam-no enchendo-lhe o corpo de vergões de pancada. E não o mataram, porque a mulher do sargento, comovida, lhes pediu que o largassem.

O Santos, da cintura para cima, parece um bicho, de ferimentos e de ronas negras e roxas. E de tal maneira é o seu estado, que um médico, chamado para o ver, requisitou a presença dum juiz que exclamou:

—isto é mais que uma selvajaria. É uma coisa hedionda!

Os quatro autores da proeza foram hoje transferidos. Mas para que não vão para qualquer outra localidade, praticar outras violências, impõe-se que sejam imediata e severamente punidos.

Não há palavras que comentem tão grande barbaridade.

Dr. Aurélio Quintanilha
COIMBRA, 21. — Realizou-se, ontem, na Sala dos Capelos, o acto de doutoramento, na Faculdade de Ciências (secção de ciências histórico-naturais) do dr. Aurélio Quintanilha. Argumentou o dr. Euzébio Tama-goi.

Dr. Quintanilha, que no nosso meio conta vivas simpatias, apresentou sinceras felicitações.

MALAS POSTAIS
Pelo paquete «Infante de Sagres» são hoje expedidas malas postais para a África Ocidental, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências registadas às 10 horas e das ordinárias às 12.

Por via Algeciras e Gibraltar também se expedem malas do correio para a ilha de Timor, efectuando-se a última tiragem às 17.40 horas.

tivos de ordem pública, intimei as Companhias do Gás e Electricidade a manter o seu fornecimento. «Evidentemente, esta minha atitude nada afecta o prestigio dessa ex.ª Câmara e a sua autonomia».

Depois da recepção deste officio o sr. dr. Corvelino Moreira teve uma conferência com os seus colegas da Comissão Executiva que resolveu enviar para a imprensa a seguinte nota officiosa, cuja publicação nos solicita:

«A Câmara Municipal de Lisboa travando retratado às Companhias Remidas Gás e Electricidade as licenças para produção e exploração da energia electrica, conforme deliberação tomada em sua sessão plenaria de 29 de Dezembro último, e considerando que o ex.ª presidente do ministerio e ministro do interior intimou as referidas Companhias a manterem, por motivos de ordem pública, o fornecimento dessa energia, comunica aos seus munícipes que a partir desta data todos e quaisquer assum-tos que interessarem ou digam respeito ao fornecimento de luz e energia electrica deixaram de ser tratados por esta Câmara».

HOJE - Teatro de São Carlos - HOJE
PENÚLTIMO ESPECTACULO com OS HOMENS DE HOJE
Sob a direcção da eminente professora **LUCINDA SIMÕES**
Nos principais papéis: **Luclia Simões, Erico Braga e Samuel Dinis**
TEATRO Maria Vitória
DUAS SESSÕES
A's 8 1/2 e 10 1/2
O GRANDE EXITO
FOOT-BALL
A PEÇA VITORIOSA
Enchentes diárias
O «record» dos sucessos
Não há entradas de favor
A QUEDA DO DOGMA
Uma vaga de assalto à III Internacional
Para aniquilar o seu grande adversário, o partido comunista procura isolá-lo completamente, assegurando o triunfo das direitas

A pesar de Staline haver triunfado, não cessou a luta com a oposição. Zinoviev ainda não foi completamente dominado, e com ele a III Internacional continua oferecendo uma grave ameaça ao predomínio do partido comunista na politica russa. Staline, porém, sabe lutar, conhece profundamente a «estratégia» da politica de Estado. Staline é o que, em hossa de Partidários, se designa por «excepcional politico» — e os factos actuais da vida russa veem-nos provando insistentemente.

Zinoviev é um adversário de respeito, que se não deixa vencer com a candura de Trotsky. Mas Staline não desiste da conquista do poder absoluto, não deixa de ambicionar a sucessão de Lenine. Conhecendo a grande força da III Internacional, e o indissolúvel embaraço que esta faz a sua politica, procura agora isolá-la completamente, em vez de atacá-la de frente, numa luta indecisa. Staline sabe que o isolamento politico diminuirá progressivamente a força da III Internacional, até que a sua influencia, senão a sua organização, sejam anuladas irremediavelmente.

O desaparecimento da III Internacional assegurará o triunfo do nacionalismo na Rússia. Foram as necessidades politicas do bolchevismo que determinaram a fundação da III Internacional, a fim de criar a opinião socialista do mundo em favor dos Sovietes, constituindo essa opinião um sério obstáculo à acção dos governos inimigos.

O objectivo foi atingido, mas novas necessidades politicas do bolchevismo, no seu recuo para o nacionalismo, determinam agora a anulação da mesma Internacional por já constituir um dos maiores obstáculos à acção do governo russo e do próprio partido comunista.

As mudanças operadas na politica bolchevista, consequências imediatas da vitória de Staline, favorecem a politica de isolamento da III Internacional. Desde já, essas mudanças agravam a derrota sofrida por Zinoviev no congresso comunista. E o alargamento desta derrota irá inutilizando a opposição às concessões feitas ao capitalismo estrangeiro e aos camponeses ricos.

As origens e as fases da actual dissidência bolchevista
O actual conflito começou deflagrando em principios de 1925. Trotsky, o grande organizador do exercito russo, apoiava na imprensa a nova politica económica, sob a tesa de que ela impulsionava a Rússia para o verdadeiro regime socialista, no transcurso rápido e metódico de progressos economicos.

Kameneff ripostou com veemencia, não só manifestando profundo desacordo com a nova politica económica, como acusando Trotsky de optimismo exagerado. Zinoviev appareceu também a divergir de Trotsky, declarando, perentoriamente, que a nova politica económica fazia regressar a Rússia ao sistema capitalista.

Assim se iniciou a polémica, cada vez mais acesa. Kameneff e Zinoviev foram vivamente acusados de pessimismo, de derrotismo, de antileninismo. Ambos os contendores se armavam prodigamente de citações de Lenine, uns para demonstrarem que a nova politica económica era um regime socialista, outros para affirmarem que a mesma politica faria declinar a Rússia para o capitalismo.

Ainda em Janeiro, Zinoviev e Kameneff pretendiam excluir Trotsky das fileiras do partido comunista. Como não o conseguissem, esforçaram-se por expulsá-lo do conselho central.

Começa, então, distinguindo-se a figura de Staline, para quem Trotsky era um rival perigoso para as suas ambições. Politico habilissimo, tendo conseguido já impeller para as direitas os partidos comunistas alemão e tchecoslovaco e obtido uma forte influencia na propaganda internacional, Staline não hesitou em se opor a Zinoviev e a Kameneff para aniquilar o seu adversário com as sortidas de um falso apoio. Zinoviev procurou, então, eliminar Staline do secretariado do partido, indicando-o para ocupar a pasta da guerra.

Zinoviev foi batido e, por isso, declinou o seu mandato no conselho central e retirou-se da actividade politica. Ficou Staline no seu lugar, manteve-se Trotsky no secretariado, depois de haver regressado, por habilidades de Staline, do seu exilio. Kameneff começou sentindo, desde então, um concorrente pernicioso em Trotsky na gestão do conselho superior do trabalho e de defesa económica, de que era presidente.

Senhor da sua posição, Staline foi impulsionando a realização da nova politica económica. A frente da organização de Leninegrado, Zinoviev fez uma viva opposição, acusando a facção de Staline de oportunismo. O seu adversário determinou que cessasse a campanha de opposição e proibiu todos os ataques a Trotsky. Zinoviev afastou-se, portanto da imprensa official e fundou um novo jornal, o *Leninista*, apregoando na sua campanha que o partido comunista transigia com oportunismos e só Leninegrado conservava cem por cento de pureza bolchevista.

Staline entrou no caminho da repressão. O *Leninista* foi suprimido, um seu redactor, Vardine, que se notabilisara na polémica, foi desterrado para o Caucaso, e todos quantos haviam apoiado Zinoviev foram demittidos de seus cargos politicos e substituídos por reconhecidos adversários de Zinoviev. Iniciou-se, então, a ingerência de Staline na actividade da III Internacional. Era esta a situação creada no momento em que ia reunir o XIV congresso bolchevista. Como os factos o demonstram, a unidade do bolchevismo é indissolúvel.

Uma politica de asfixiamento da Terceira Internacional, por enquanto...
Desde que a III Internacional se revelou contra o governo central e contra o partido comunista, a III Internacional formulou a sua sentença de morte. Ela será destruída por constituir um obstáculo à regressão da Rússia, e a queda da III Internacional terá uma influencia bem fatal na vida da Internacional dos Sindicatos Vermelhos. A reacção nacionalista vem triunfando com segurança e com método...

Staline continua afastando os seus adversários, a fim de isolar a III Internacional. A minoria opposicionista no Conselho Central não o deve incomodar muito, visto que este conselho só deve reunir três ou quatro vezes por ano. Só governa o secretariado politico.

Como lhe fosse impossível liquidar Zinoviev, Staline reduziu-o à impotência, conservando-o isolado no secretariado politico. Este secretariado, a pesar de aumentado de mais dois membros, encontra-se mais subjugado.

A eleição de Vorochilov, Kalinine, Molotov e doutros, assegurou a Staline um domínio absoluto na direcção do partido, o mesmo é que no governo da Rússia. Como se sabe, só o partido comunista fornece ministros para a Rússia, desfrutando assim o monopólio do poder politico.

Kameneff vai sendo afastado para a rua. Substituído por Lioubineff no cargo de presidente do soviete de Moscovo, foi agora destituido do seu cargo de presidente do conselho de trabalho, onde exercia a ditadura económica. Para este lugar transitou o sr. Rikov.

O commissário das finanças, sr. Sokolnikoff, que reformou a moeda, foi relegado para um cargo de nenhum relevo na commissão consultiva de planos economicos.

As substituições feitas são do agrado do sr. Staline, cujos adversários vão sendo abatidos. Por enquanto Zinoviev fica à frente da III Internacional, pois, parece que o seu rival triunfante o quer condenar a morrer na própria fortaleza...

A depuração de Leninegrado, a praça forte de Zinoviev, já começou e irá até ao fim. O novo director da *Pravda*, sr. Stepanov, com uma redacção nomeada por Staline, já tomou posse. Stepanov tem sido na Rússia o tradutor de Marx, contudo, apoia Staline. Zalutsky, partidário de Zinoviev, foi afastado do secretariado da organização comunista de Leninegrado, e afastados foram também outros partidários de Zinoviev, que em Leninegrado também fica isolado.

Enfim, pelo que esta exposto, a classe operária deve estar notando no que se vai tornando a famosa ditadura do proletariado. De provistos há que o dogma bolchevista, pregando a massa trabalhadora como a salvação suprema, se manifesta à evidencia como o mais feroz e autocrata principio de opressão.

A confirmação deste raciocínio terá o operariado em devida oportunidade e oxalá que a experiência sirva àquela parte que se deixa iludir.

BRINDES
Oferecidos pelas colectividades dos arsenais do exercito recebemos dez exemplares de um interessantissimo calendário folhinha para 1926 que aqueles organismos distribuíram pelos seus associados.

Agradecemos.

Da Companhia de Seguros «O Alentejo», com sede em Elvas, recebemos um interessante calendário para o ano de 1926. Os nossos agradecimentos.

Escola António Feliciano de Castilho
Promete ser brilhante a sessão solene que no próximo domingo se realiza nesta benemerita instituição de ensino e assistência.

Seguir-se-há um concerto musical que está primorosamente organizado como é timbre daquela casa, bem conhecida do publico que faz justiça ao esforço, e ao trabalho da sua Direcção e professores.

Espera-se que o chefe do Estado presida à sessão como se conta também que uma das melhores bandas musicais de Lisboa abrilhante a festa, que está despertando por justos motivos o maior interesse.

TIVOLI
Telefone N. 5474
A's 8 3/4
Espectáculo extraordinário
O MILAGRE DOS LOBOS
A mais importante realização histórica da cinematografia franceza
A batalha de Montlhéry—O cerco de Beauvais—A corte de Borgonha—A corte de Luis XI—O século XV em França e os seus dramas politicos
Milhares de figurantes
Desempenho de Yvoni Marcoux, Romuald Joubé, Jeanne Segal e Charles Dullin
Partitura especial de Henri Rabaud
Director do Conservatório de Paris
Orquestra aumentada sob a direcção de Nicolino Milano
Este film, que foi exhibido na grande Opera de Paris, começa a ser exhibido ás 21 horas e meia—Nos espectáculos com grande orquestra os preços são aumentados de 20 %
A SALA TEM AQUECIMENTO
Amanhã—Matinée ás 3 horas

TEATRO SÃO LUIZ
Telef. C. 224
A's 9 1/4 da noite
Grande companhia de opereta de que fazem parte o consagrado tenor **ALMEIDA CRUZ** e a distinta actriz **CREMILDA DE OLIVEIRA**
A representação da opereta em 3 actos de grande successo, do maestro **PABLO LUNA**
A Moça de Campanilhas

A PROPOSITO DUMA INIQUIDADE

Carta aberta ao director das Cadeias Civis de Lisboa

Sr. dr. Pestana Júnior.—Em todos os campos politicos e filosoficos, os homens não valem pelo que affirmam, mas pelo que fazem. A época que passa é de realizações praticas e a politica não pode no presente momento ser apenas um instrumento maneado segundo as exigências dos poucos frequentadores de São Bento, que entao em cores diferentes a mesma ária do patriotismo.

As massas têm em pouca conta os discursos dos deputados, porque a pratica lhes tem ensinado a descrever e a desconfiarem da acção politica de todos os homens, por mais liberais e humanitarios que sejam os seus principios.

A dura experiência da luta politica deu ao povo portuguez uma verdadeira concepção de liberdade, que vai além, muito além da esfera de acção de qualquer agrupamento politico por mais radical que se apresente. A rua não é dos politicos, embora todos pretendam conquistá-la. E o sr. dr. Pestana Junior, como todos os politicos republicanos do tempo da monarchia, soube, nas ultimas eleições, falar ao sentimento das massas.

Pertence o senhor a um grupo politico aparentemente aguerido. É deputado de alguns eleitores; é também a esperança de alguns iludidos. Mas é sobre tudo funcionario da república. Antes de começar pelos seus discursos a desilusão dos que o elegeram começa já pelos seus actos, isto é, pelo lado pratico, a demonstrar uma deprimente transigencia com os seus apparentes inimigos politicos. Como carcereiro mor das cadeias de Lisboa, o senhor quer a confiança dos carcerados em detrimento da simpatia das vítimas. Compreende-se. As vítimas são pobres proletários sem beira, que não podem garantir a alguém uma situação privilegiada; os carcerados da liberdade são os senhores dos destinos desta hilarante «república» que o senhor serve como «fiel guarda das chaves dos «paraísos»... Os primeiros só podem dar a alguém as provas da sua sincera gratidão; os segundos podem fazer perigo a lugar de qualquer funcionario do regime.

Só assim se pode explicar que o senhor tenha adoptado contra os presos sociais que se encontram no «paraíso» de Monsanto, medidas tão excepcionais que vão ao ponto de lhes proibir as visitas de homens dentro da prisão, regalia esta de que até hoje têm disfrutado todos os presos que, como estes, pagam carceragem e se alimentam à sua custa.

Fundamenta o senhor essa iniqua penalidade no facto de um preso social ter conseguido abandonar este «paraíso», confundido-se com as visitas, depois de ter deixado um individuo em sua substituição. E o excessivo zelo vai ao ponto de, pelo caso apontado, castigar cinco guardas com a perda de 45 dias de vencimentos e demittir o chefe da cadeia!

Uma tal severidade, por caso tão insignificante, nunca foi praticada contra os presos, no tempo de outros directores que não se rotulavam de esquerdistas. Um tal procedimento por parte dum esquerdistista contra as vítimas do odio dos conservadores e reacconários, é o mais formal desmentido às suas pomposas affirmações nos comícios eleitorais. Como todos os politicos, o senhor acaba de demonstrar que procede segundo as exigências politicas de momento, e não segundo as suas convicções. Mas para isso, sr. Pestana Junior, não necessitava o senhor de dar as suas anteriores affirmações o colorido dum vermelho tão vivo. Como o senhor, procede António Maria da Silva, em todos os momentos, porque não tem principios—tem habilidades. O governo Gimistal Machado cumpriu a lei mandando restituir a liberdade todos os presos sociais sem culpa formada. E era um governo constituído por conservadores. Conservador era o sr. França Junior e quando director das cadeias civis de Lisboa, foi sempre atencioso para os presos sociais, sendo também menos severo para os guardas do que o senhor Pestana Junior, democrata da esquerda. A attitude do senhor vem dar razão aos descrentes da politica, porque tais actos são bem diferentes das suas palavras.

Num momento em que todas as correntes politicas canalizam o seu odio contra os presos sociais, o senhor abandona os fracos para se colocar ao lado dos «fortes». O ideal do seu democraticismo curva-se fragil como um vime ao sopro dum leve aragem, e deixa-se guiar ao sabor das imposições do Tartarin portuguez, que uma súa de imbecis pretende fazer passar por herói. A fuga dum ser inofensivo da jaula de duplas grades onde os mantenedores da ordem o haviam metido coberto com a pele de leão, fez tremer Tartarin, que parece confiar pouco na floresta de baionetas de que se fez rodear. E o pretensão herói, que faz luxo da sua própria brutalidade, gritou atónico por socorro, julgando-se perseguido. E o sr. dr. Pestana Junior quis também dar uma satisfação aos caprichos dele, deixando-se seduzir pela cantilena do prestigio dum autoridade desautorizada no conceito publico e demonstrar o seu propósito de castigar os presos sociais pelos preceitos da moral do lobo da fábula de La Fontaine.

A situação excepcional em que se mantêm os presos sociais no forte de Monsanto, visto que deviam estar no Limoeiro, como presos preventivos que são, não seria o bastante para dar satisfação aos que se obstinam em atropelar os mais sagrados direitos humanos, e em espelhar a constituição? Faltava-lhe um cuejo para demonstrar mais claramente que também estava em desacordo com as affirmações do seu «ideal» politico, que no Parlamento

transacto, quando foi derrubado o seu governo, disse que estava ao lado dos roubados contra os ladrões, ao lado dos oprimidos contra os opressores. Estas palavras não lhe entusiasmaram aplaudir, não valem decerto o sacrificio de defrontar adversários, numericamente fortes. Uma affirmacão politica em vésperas de eleições, não vale também o sacrificio dum boa colocação. É logico, pois, que o senhor coopere na situação ilegal em que a república mantém os presos sociais. E não julgue que o odio por esse facto. Não! O melhor elemento de propaganda avançada é a obra dos politicos em confronto com as suas affirmações.

Alfonso Costa, com a sua tirania, fez muitos sindicalistas. Os escândalos e a repressão injustificada por parte do partido democratico, que o grupo de que o senhor faz parte julga poder purificar, têm sido os principais factores da grande legião de revoltados descrentes que renegaram para sempre a questão politica que os esquerdistas dizem ter novamente radicado no espirito do povo portuguez.

As affirmações não bastam. Os actos são tudo. E quando um politico cria um tão grande abismo entre as suas affirmações e os seus actos, dá a toda a gente o incontestável direito de pôr em dúvida a sua sinceridade politica. Embora v. ex.ª julgue dum singular habilidade um tal procedimento, que obedece talvez ao fim de conquistar a confiança dos conservadores de que necessita como chaveiro do paraíso da república, creio que nunca conquistará tantos devotos como o seu colega São Pedro no officio de chaveiro do paraíso celeste. O senhor acabará, por certo, por ficar de mal com Deus e com os crentes. A época não é propicia à mentira e à charlatanice dos Messias. Já São Pedro se tem queixado do mesmo mal.

E agora, sr. dr. Pestana Junior, cá fico esperando e os presos sociais nesta caserna imunda do paraíso de Monsanto, sem vidros nas janelas, mas conquistada por uma aluvião de percevejos, que se deseneade sobre nós mais alguma tempestade encomendada pelos seus conservadores.

E tudo quanto por hoje tem a dizer-lhe o seu leal adversário,

João Maria MAJOR
(Sector C.—Paraíso de Monsanto)

TEATRO APOLO
Hoje e amanhã
A taberna
SEGUNDA-FEIRA:
AS DUAS CAUSAS
Brevemente a peça de Bernstein
SAMSÃO
em festa artistica da genial
ADELINA ABRANCHES

OURIVESARIA E JOALHARIA SANTOS CATITA, L.ª
R. Eugénio dos Santos, 44
Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha ao Calvário receberam curativo e recolheram depois a casa:

Vasco Gama de 27 anos, pintor, residente na rua Nova da Piedade, 79, pátio, porta 8, que a bordo do vapor «Maria Amélia» fundeado em Alcântara, foi esboiado por uma saca de café, ficando com várias contusões no torax.

Graciada Marques, de 2 anos, moradora numas barracas na doca de Alcântara, a qual tendo-se tombado uma panela com comida quente, foi esta colher a Graciada queimando-a bastante nas pernas e braços. Aconselhada pelo enfermeiro de serviço Tomaz Pedrosa, a mãe a transportar a criança ao Hospital de S. José, a fim de ser hospitalizada, aquela recusou-se a fazê-lo.

Conferência penal

Pelo ministerio da justiça, vai ser expellido um convite às faculdades de direito de Lisboa e Coimbra para indicarem cada uma um professor que deva representar o nosso país, sem encargo para o tesouro, na Conferência Penal que no próximo mês de Maio vai reunir em Bruxelas.

TEATRO GIMNASIO
Telef. C. 2814
Direção artistica de **Gil Ferreira**
HOJE
A TIA ANDRESA
NOS PRINCIPAIS PAPEIS:
Gil Ferreira
Silvestre Alagrim
Tarquinio Vieira
Rafael Alves
Vital dos Santos
Antónia Mendes
Otilia Brochado
Aida da Aguiar
MISE-EN-SCENE DE GIL FERREIRA

EM LOURENÇO MARQUES

Novos pormenores do grandioso movimento grevístico dos ferroviários

Enquanto a população se debate numa situação aflitiva, o Alto Comissário passeia nos seus novos automóveis—As Companhias Exploradoras do Norte pagam aos indígenas a trinta centavos desvalorizados

LOURENÇO MARQUES, XII—1925.—Há cerca de dois meses que a greve ferroviária se arrasta, sem que as autoridades a quem compete resolver o conflito, se importem com os tremendos prejuízos da greve, até agora calculados em libras 200.000!

E note-se que isto tudo se faz no único intuito de que a reacção «Reorganização», obra dos dementados engenheiros Cabral e Avelar Ruas, vingue como troféu dum sistema de usurpação de direitos dos trabalhadores.

O sr. Vítor Hugo de Azevedo Coutinho, enquanto o conflito se arrasta, vai passeando nos seus novos automóveis, através da cidade e para a Namahacha e sanciona todas as medidas de violência que ao tal Bartolomeu Severino (que foi ministro do trabalho à falta de gente) lhe dá na real gana pôr em execução.

Desde o conservar ferroviários detidos sem culpa formada, para efectuem os wagons-fantasma até às deportações em massa, tem sido a obra destes belíssimos administradores que a Província e os trabalhadores vêm suportando com os chorados ordenados de libras 600 a 180 mensais em dinheiro forte, já se vê, pois arranjaram aqui uma lei de vigarismo com o único intuito de transferirem estes ordenados para Lisboa, tapando isso com a transferência de duas três libras a um ou outro funcionário que aí tenha família.

A obra destes Satrapas tem sido de completa destruição, não se importando com o crédito do pórtio de Lourenço Marques que há 30 dias vê desviar a sua navegação.

A decantada normalização do serviço e a atitude das praças do «Gil Eanes»

Regulando o serviço normal entre 25 a 30 comboios, há 50 dias que sómente efectuem 6 a 10 e isto com pessoal inexperiente, que trazem em risco sucessivo as vidas dos trabalhadores que andam à frente da máquina.

O conflito promete eternizar-se pois não há uma plataforma que a classe entre sem rebaixar a sua dignidade.

Aqui está o «Gil Eanes» com os nossos camaradas marinheiros a dificultarem um pouco o terminus da greve com vitória para os trabalhadores.

Quando é que os marinheiros e soldados se compenetrarão que são filhos do mesmo povo?

O alto comissário continua mantendo um silêncio criminoso sobre a greve e não desistindo de comprar a imprensa toda com o intuito de ela não falar na greve para assim criar um vazio no conflito e rebentar comela por falta de notícias.

«O Emancipador» já voltou a publicar os seus suplementos em grande segredo, não errando em vos afirmar que a classe ferroviária tem usado da tática que os nílitas usaram na Rússia dos tzars para que a propaganda se possa fazer.

Um gesto simpático da população

A população está farta de pedir a solução do conflito pela suspensão da «Reorganização», mas entendem eles que só a fome pode reduzir os trabalhadores a aceitarem tão vil papel.

A comissão de assistência aos ferroviários já foi chamada ao comissário de polícia e ameaçada de que se andava a colocar na situação dos grevistas.

Querida este aviso dizer que, mais dia menos dia, o ignaro comissário de polícia meterá nos calabouços da polícia os que unicamente distribuem o pão às famílias dos ferroviários.

Este comissário, de que eu com tempohei de relatar a obra, tem sido um dos vultos que empunhando o machado destruidor, têm dado golpes de morte na tal «Constituição» que Portugal apresentou às nações civilizadas para ser reconhecido como país de ordem e trabalho.

O que Portugal não diz no seu programa às nações, é que a tal «Constituição» pode ser posta de parte quando muito bem o entendam e sem necessidade de suspender as garantias.

Mal dos trabalhadores de todo o mundo se não acordam e se não opõem à tática reacção das deportações que aniquila e detroi toda uma vida!

Mal das organizações proletarianas, se as suas palavras são a única medida a opor a tão vil processo!

Mal de todos nós, se não passamos do relatar dos factos com aquele sentimento de coração a partir-se e os olhos a alagar, para a desordem na rua empregando a violência contra a violência e defendendo pela força os direitos sagrados da liberdade e da justiça.

Impõe-se a realização dum movimento defensivo

Como vieram os camaradas para a Guiné, vão agora 10 ferroviários grevistas a caminho de Lisboa e isto sem que sobre nenhum pesse qualquer acusação a não ser a de grevista.

Nem ao menos orientadores!

E isto se os orientadores devem ser deportados...

Ninguém nos pode garantir que este processo não pegue como tática para destruir os movimentos operários, e a Central, e não a mim, compete imediatamente estudar a forma de lhe opor uma tenaz resistência pois, a meu ver, não pode ser resolvido com largos artigos de jornal nem pelo protesto jurídico.

Falar em justiça de catálogo a um país governado por Cabilas, é perder um precioso tempo que pode ser empregado em obra mais útil.

A província de Moçambique fica com a dura experiência de que tem de estudar sobre a sua autonomia administrativa.

E' muito óbvio que dentro em

ela tome resoluções de grandioso vulto e que irão ao ponto de não receber governantes de exportação e que quasi sempre são daí enviados quando aí têm contraído despesas avultadas e que só os ordenados daqui podem satisfazer.

Representa esse sistema administrativo a paralisação de todo o desenvolvimento e progresso dum colónia que promete o emprego de milhares de braços.

E' muito sombrio o futuro de Lourenço Marques

Lourenço Marques só pode desenvolver-se desde que o sistema administrativo seja completamente remodelado.

A agricultura está sem auxílio e sem pessoa que indique a forma de a fazer, atentas as dificuldades que atravessamos devido à nossa situação geográfica, e, no entanto, cá estão os vultos decorativos a usufruírem fabulosos ordenados e com os pomposos títulos de directores deste e daquele serviço.

Obras, obras são as feitas pelos que governam aqui no princípio e quando não estava acesa a luta do reacçãoismo contra os trabalhadores.

Introduzida que foi a política dos Antónios Marias nesta colónia, paralisou o progresso, o fomento e até o ensino!

A greve ferroviária, logo que chegue ao seu terminus quer com vitória ou com derrota, será o princípio de vida nova desta população de escravos brancos! Jorden das Companhias Exploradoras do Norte que são quem lhe leva todo o seu labor e toda a sua regularização da balança económica.

Al norte da província estão estes exploradores pagando aos indígenas \$30 desvalorizados!

Para estes não há deportações, para estes não há o assalto, o espedaíramento e prisão!

Muito e muito há a esperar no fim desta greve!

O ministro das Colónias que se vá preparando para receber as reclamações duma população vítima de políticos da Arcada—C.

O II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas

Em sua reunião de hoje, a Comissão Organizadora do II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas, constando de pouca atenção que quasi todos os sindicatos, uniões e federações a quem se dirigiu têm prestado às circulares que lhes foram enviadas por esta Comissão sobre a realização deste Congresso, resolveu lembrar, pela presente nota oficiosa, a todos esses organismos, a máxima conveniência em responderem ao conteúdo das aludidas circulares com a maior urgência possível.

Esta Comissão trabalha activamente para que o Congresso tenha a sua realização no mais curto espaço de tempo possível, necessário é, porém, que todos os organismos a quem se dirigiu não provoquem, com a demora nas suas respostas, o protelamento dos trabalhos a levar à prática.

Outrossim, esta Comissão lembra a todos os Núcleos que ainda não deram a sua adesão ao Congresso, a máxima conveniência em o fazerem com a maior brevidade, respondendo também sobre os assuntos apresentados a referendo.

Todos os jovens sindicalistas devem diligenciar junto dos seus respectivos sindicatos para que seja dada a esta Comissão a solidariedade para que se apela nas circulares enviadas aos mesmos.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1925—A Comissão Organizadora do II Congresso Nacional.

Não confundir

Nova casa de vendas a prestações sem flador
Rua da Boa Vista, n.º 140, 2.º

Funcionalismo Público

Para tomar conhecimento dos trabalhos realizados sobre as últimas melhorias, e sobre as reclamações a apresentar ao governo e Congresso da República, sobre diuturnidades de serviço, 50 % de abatimento nos Caminhos de Ferro do Estado, publicação do Estatuto do Funcionalismo Público, aposentação no posto acesso como se pratica no ministério da Marinha e Guerra e nomeação das respectivas comissões e fixar-se o auxílio que a classe deve prestar às vítimas do temporal de Espinho, reúne a Associação dos Empregados Meiores do Estado, amanhã, pelas 13 horas.

SOLIDARIEDADE

Pró-viúva e filho de Bernardo Ramos da Costa

Promovida por uma comissão de camaradas realiza-se amanhã uma interessante «matinée», em auxílio da viúva e filho de Bernardo Ramos da Costa, cujo programa consta: 1.ª parte, o emocionante drama social em 1 acto «O Tio Torcato»; 2.ª parte: a hilariante comédia «O Tio Torcato»; 3.ª parte: Canção Social, por um grupo dos melhores cultivadores de fado. A 1.ª e a 2.ª parte estão ao cuidado do aplaudido grupo dramático «Solidariedade Operária».

Para esta festa que tem o seu início pelas 14 horas, já restam poucos bilhetes que se encontrarão à venda à porta do salão.

Reúne hoje impreterivelmente a comissão organizadora da festa.

Todos os camaradas que têm bilhetes em seu poder para passar deve vir hoje à sede do Núcleo da J. S. de Lisboa, fazer a devolução dos que lhes sobrem, pois que serão considerados vendidos todos os que não forem a devolver.

CRISE DE TRABALHO

Litógrafos e Anexos

Ontem a comissão administrativa dos litógrafos e anexos entrevistou o sr. Eduardo Ferreira, gerente da Litografia Mata, sobre o encerramento desta casa litográfica.

Depois deste senhor ter demonstrado à comissão administrativa, a situação crítica em que se encontra esta casa, devido à crise de trabalho e outros casos de ordem financeira, foi-lhe objectado pela comissão a atitude que o sindicato dos operários litógrafos adoptou em relação à crise, que é não consentir a baixa de salários nem fazer qualquer trabalho por turnos, mas sim quando haja trabalho, seja em igualdade de circunstâncias para todos.

O sr. Eduardo Ferreira, completamente identificado com o critério do sindicato disse que nunca o animou qualquer propósito de reduzir os salários ou fazer os trabalhos por turnos. O que obrigou a direcção da casa a tomar esta atitude foi devido às razões acima referidas. No entanto, o mesmo senhor disse que antes de tomar a atitude que se observa procurou apresentar uma fórmula para garantir trabalho aos seus operários, mas quando lhe esperava uma resposta do seu pessoal, que era ao sábado, o mesmo nada lhe objectou.

Acrecentou ainda que espera que muito em breve esta situação se modifique e, então, mandará trabalhar todos os seus operários sem qualquer represália seja contra quem for.

Expostas estas palavras ao pessoal da casa Mata, que reuniu no sindicato, este aceitou os factos tal qual eles são, afirmando que no que respeita à fórmula que o sr. Eduardo Ferreira falou, para lhe ser comunicada uma qualquer resolução do pessoal, esta não é a expressão da verdade, pois que o sr. Eduardo Ferreira afirmou a todo o seu pessoal que infelizmente tinha que fechar a sua casa sábado, 16 do corrente, e nunca o mesmo senhor lhe apresentou qualquer fórmula para que ele tomasse uma resolução. O pessoal da casa Mata fez esta afirmação à comissão administrativa a fim de a mesma a tornar pública para que toda a classe litográfica tenha conhecimento exacto do que se passou. Ao mesmo tempo aguarda que este senhor abra as suas oficinas, dando todo o seu apoio à comissão administrativa para ela continuar tratando do assunto.

Compositores Tipográficos de Lisboa

A direcção deste Sindicato convidou todos os colegas desempregados, os que estão substituindo doentes nos quadros de jornais e bem assim os que não fazem a semana completa, a inscreverem-se no boletim que se encontra na sua sede, rua António Maria Cardoso, 20, r/c, hoje, segunda e terça-feira, das 17,30 às 19 horas, a fim de a mesma se poder habilitar a fazer demarques junto de quem de direito possa debelar a crise que de momento esta classe atravessa.

Tendo chegado ao conhecimento da direcção deste sindicato que em várias oficinas de obras se estão praticando várias anomalias, como sejam: desrespeito ao horário de trabalho, no relativo aos serões; falta de cumprimento ao convénio do trabalho, aprovado em Janeiro de 1924; e o abuso da empreitada, que já há tempos fora abolida; convidou todos os colegas que disso tenham conhecimento de o comunicarem para o Sindicato, para este poder providenciar.

Num próximo manifesto que distribuirá à classe fará sentir que a mesma não deverá permitir mais que a aprendizagem com prática ou sem prática por cada 4 oficiais—conforme o aprovado no último Congresso Gráfico, realizado em Santarém, para assim obviar à falta de trabalho que actualmente se faz sentir.

Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses

A comissão do pessoal acompanhada pelo delegado do sindicato procurou entrevistar o ministro do Comércio para tratar da situação do mesmo pessoal o que não conseguiu ficando deliberado que a mesma comissão seja recebida na próxima segunda-feira pelas 14 horas.

Uma insinuação do «Século»

Da tripulação do vapor «Alentejo» do Sul e Sueste recebemos a seguinte carta: «Sr. director de «A Batalha».—Em virtude de uma local publicada no «Século» de hoje com a epígrafe «Cesta que desaparece» que faz deprender que a tripulação do barco «Alentejo» dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste se apossou de uma cesta pertencente a um passageiro e que continha, segundo sua declaração, joias na importância de dez contos, a bem da verdade e para que não pese sobre a tripulação do referido vapor a responsabilidade que lhe querem assacar, vimos declarar o seguinte, cuja publicação solicitamos a v.º

O passageiro em referência veio de facto ao vapor, depois de ter saído a tomar o comboio, em procura de uma cesta, de cujo local onde a tinha colocado não se recordava.

Foi pela tripulação auxiliado nessa procura não sendo encontrada a referida cesta, pelo que tentou atirar a responsabilidade para o bagageiro n.º 5, que lhe havia conduzido a bagagem para o comboio, verificando-se depois que a sua suspeita era infundada pois que lhe havia entregue quatro volumes que o mesmo passageiro lhe havia confiado.

Podemos afirmar, sem receio de desmentido, pelo que observámos, que o passageiro em questão não se recorda onde deixou a tal cesta e que se a trouxe para o vapor a deixou levantar por outro passageiro por mero engano ou porque conhecia de facto o que na cesta se continha, na certeza porém que a tripulação nenhuma responsabilidade cabe em tal desaparecimento.—A tripulação do vapor «Alentejo» dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$30
A peste religiosa..... \$40
A liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A Batalha ou no Cais do Sodré, 88

Na perspectiva da extinção do monopólio dos Tabacos, os assalariados desta indústria procuram defender os seus direitos

No vasto salão do pavimento superior do edifício da Voz do Operário, reuniram-se ontem os assalariados da Companhia de Tabacos—pessoal operário dos escritórios—para apreciar a sua situação em face do próximo termo do contrato da companhia monopolista.

A assistência compunha-se de cerca de 3.000 pessoas, predominando o elemento feminino.

A's 18 horas, Joaquim José da Rocha, delegado do pessoal da «régie» declara aberta a sessão, propondo para presidir Porfírio Augusto, do pessoal extraordinário e para secretária Amélia dos Santos, do pessoal da «régie», e Adelina de Jesus, do pessoal extraordinário, que a assembleia aceita.

O presidente, agradecendo a honra que lhe foi conferida, considera-se velho e figura apagada; vê na classe elementos novos e inteligentes, de novos processos de luta e ideias, que melhor podem corresponder aos interesses da grande classe dos tabacos. Recorda o passado da classe, que por ser cordata é fácil de orientar.

O assunto que se vai tratar é de magna importância, pois dele depende o futuro económico da classe, assunto que deve ser estudado ponderadamente, para que a classe não fique esmagada em qualquer cilada que capital lhe arme.

Em seguida dá a palavra a Joaquim José da Rocha. Este, diz falar em nome das delegações da pessoal da «régie» e extraordinários. Considera o momento de vida ou de morte para a classe, a qual deve precaver-se contra as arremetidas, partam elas dos políticos ou dos capitalistas.

Entende que se ao pessoal fosse permitido escolher o regime de trabalho, ele deveria optar pela «régie» visto que o regime de liberdade, da indústria, pelas lições da experiência, só traria para os operários fome e miséria. O rendimento dos tabacos dá exuberantemente para se estabelecer o regime de «régie».

Considera o Estado capaz de administrar a indústria, desde que a frente das fábricas se coloque gente séria e honesta, pois não servem de norma os escândalos dos transportes marítimos e outros.

Isto está demonstrado no relatório de Oliveira Martins.

Dos três regimes: monopólio, liberdade ou régie, é este último o que melhor serve, pois será a garantia do pão de tantas famílias e poderá servir para assegurar até o salário por inteiro aos inválidos. Vê realizado um dos seus sonhos: a reunião magna da classe. Resta que os novos, com ponderação, ajudados pela prática dos velhos, actuem para a consecução dos objectivos da classe. Que haja energia e coragem para ir junto de todas as entidades pugnar pelo pão de todos.

O governo, diz, tem no seu programa o estabelecimento da «régie», mas sabe que se movem influências para obstar ao seu estabelecimento. As desigualdades de salário, a insuficiência do mesmo e os excessos de trabalho estão produzindo seus frutos: a tuberculose que vai minando, especialmente, o pessoal novo. Que a classe se una e conseguirá salvar-se do catástrofe que se avizinha.

João Rodrigues Cassão, diz falar para todos os que constituem a classe dos tabacos. Considera também muito grave a situação dos assalariados da Companhia. Recorda o período de miséria que a classe atravessou nos tempos da liberdade de indústria e os benefícios que lhe advieram com a «régie». Vê porquê porque seja adoptado este regime, segundo o programa governamental, para interesse do consumidor, dos operários e do Estado, desde que este não ponha ladrões à frente das fábricas. A liberdade de indústria só interessará aos industriais. Se for consultada, a classe preferirá a «régie», única forma de garantir a sua vida como produtora da riqueza social. E preciso que a classe pugne pelo regresso dos operários que ficaram fora das fábricas nos últimos movimentos de reivindicação. Na actual conjuntura não devem existir novos nem velhos, mas apenas camaradas a defenderem-se.

Francisco Antunes recorda impressões trocadas entre velhos e novos orientadores da classe dos tabacos sobre o momento que passa e que considera grave para a classe. Satisfaz-se por ver reunidos numa só casa duas classes irmãs, para se defenderem contra a miséria e a tuberculose, que mina especialmente o pessoal extraordinário a que pertence.

Desde 1906, quando o parlamento esqueceu que ficariam produtores numa situação miserável para que o Estado arrecadasse vastos lucros, que a classe vegeta. O parlamento de hoje é republicano e diz-se democrático, pois veremos como ele se comporta ante a situação duma classe que luta pelos seus direitos.

Se a república não reforçar as poucas leis de protecção que a monarquia legou a esta classe, será indigna da consideração das classes operárias.

Para remediar os males da classe é preciso união. A liberdade como princípio emancipador é bela, mas a liberdade de exploração será ruína para o proletariado. Seja qual for o regime a adoptar, o que é preciso é que fique assegurada uma classe que só num trimestre produziu de lucro para o Estado 13.000 contos.

José Fortunato Torres concorda com as exposições feitas; entende que se deve estabelecer uma única frente de todo o pessoal dos tabacos. Entende que adoptando-se agora o sistema «régie» se deve continuar pugnando pela socialização das indústrias, aproveitando os incitamentos do próprio actual presidente da República, no tempo da propaganda do regime republicano. Entende que se de há muito se tivesse dado a unificação das classes dos tabacos, muitos males se teriam evitado e a miséria não faria grassar a tuberculose, como se verifica.

Faz votos para que o pacto hoje estabelecido entre todos os assalariados da Companhia dos Tabacos perdure.

José Rodrigues dos Santos apresenta a seguinte moção:

O pessoal operário e não operário da indústria dos tabacos de Lisboa, reunido em sessão magna, ouvidas as respectivas comissões delegadas, reconhecendo que neste momento estão em jogo os legítimos

interesses e regalias adquiridos à custa de dezenas de anos de trabalho intensivo, resolve:

- 1.º Manter a mais estreita união entre os trabalhadores da indústria;
- 2.º Dar às delegacias um voto de absoluta confiança;
- 3.º Saudar o governo da república pelo interesse que manifestou de resolver a questão dos tabacos, segundo a declaração ministerial;
- 4.º Encarregar as comissões delegadas de transmitir ao ministro das finanças a certeza que todo o pessoal tem de que o governo, por seu intermédio, respeitará todos os direitos e situações do mesmo pessoal operário e não operário, existente à data do termo do actual contrato.

João Rodrigues Cassão apresenta como aditamento, que se defenda a readmissão do pessoal que em virtude da última greve ficou fora das fábricas.

José Joaquim Rocha adita também que as regalias a conquistar sejam extensivas a todos os operários que de futuro entrem nas fábricas.

Francisco Antunes diz que a delegacia que representa não esqueceu a reentrada do pessoal despedido pelo qual lutará.

Aleixo Baptista Ribeiro, delegado dos empregados da Companhia, salda o pessoal operário reunido e a presidência da sessão. Lembra que o pessoal dos tabacos do Pórtio está de olhos postos nos seus camaradas de Lisboa ao qual sempre dedicou toda a solidariedade.

Permite-se chamar a todos camaradas, pois o devem ser todos os que empregam o seu esforço nos domínios da Companhia. Considera de magna importância a actual sessão, visto que empregados e operários da companhia não sabem o que será o dia de amanhã. Não há nem deve existir divisões do pessoal, diz, são todos camaradas em situação igual.

As entidades oficiais não sabem ainda a forma de solucionar esta questão; pois a classe deve ir junto delas dizer-lhes que são 4.000 criaturas que desejam defender os seus direitos. Para isso é preciso que a classe se una.

Referir-se ao facto de nas entrevistas havidas entre as delegacias da classe e as entidades oficiais ter existido a maior cordialidade; porém, há que continuar a actuar, afastando qualquer espécie de política, para bradar apenas que a sorte de 4.000 famílias depende da resolução que se tome em face do termo do contrato dos tabacos, sendo preciso que o Estado pela sua insensatez não faça aumentar o número dos desocupados e a miséria em tantos lares.

Termina apelando para a união de todos e propondo que a mesa da assembleia saide o pessoal do Pórtio e lhe ofereça toda a solidariedade.

José Monteiro, um dos afastados do serviço da Companhia por motivo da última greve e agora readmitido, advoga também a readmissão de todos os que como ele ficaram fora das fábricas.

A moção com os aditamentos e a proposta foram aprovados por unanimidade.

João Rodrigues Cassão propõe um agradecimento à Voz do Operário pela cedência da sala.

O presidente, congratulando-se pela forma como decorreu a sessão, afirma a sua fé pelo bom termo das reclamações da classe. Lembra uma das greves do pessoal dos tabacos, em que o espírito de solidariedade foi ao ponto de a parte mais remediada, se despojar das suas joias para auxílio dos mais necessitados.

Depois de Amantino do Nascimento em nome da Voz do Operário ter oferecido o salão para todas as reuniões que o pessoal dos tabacos queira efectuar, foi encerrada a sessão, debandando aquela enorme avalanche humana.

Secção Telegráfica

Federações

METALURGICA
Comité Metalúrgico de Propaganda do Norte.—Foi enviado ofício.
S. U. Metalúrgico do Pórtio.—Idem.
Vila Nova de Gaia.—Idem.
Marinha Grande.—Idem.
Portimão.—Idem.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Barreiro.—Organizam sessão de propaganda pró congresso para quarta-feira, dia 27. Irão dois delegados.

Vendas Novas.—Idem dia 30. Vão dois delegados.

Setúbal.—Idem, dia 31, à tarde. Vão dois delegados.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Os delegados deste organismo vão hoje, pelas 14 horas, junto do chefe do gabinete do ministro do Comércio para saber a resposta de uns trabalhos que foram entregues ao respectivo ministro em que tratava da crise de trabalho na indústria da Construção Civil e verba para as obras do Estado assim como a continuação dos trabalhos da muralha do Seixal a Arrentela e pagamento das últimas duas quinzenas aos respectivos operários.

Ferrovários do Estado

Uma comissão delegada do conselho técnico do Sindicato Ferroviário do Minho e Douro avistou-se ontem, após várias demarques efectuadas para tal fim, com o sr. administrador dos caminhos de ferro do Estado, a fim de tomar conhecimento da resolução dada às reclamações que, pela mesma comissão, lhe foram entregues no dia 14 do corrente.

O sr. administrador, que recebeu atentamente os comissionados, prometeu satisfazer dentro das disposições regulamentares os diferentes assuntos, comprometendo-se, desde já, a promover que sejam abonadas ao pessoal eventual as dife-

Vida Sindical

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

Reúne, em reunião ordinária, na próxima segunda-feira, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos.—Reuniram-se ontem, conjuntamente com a direcção e os delegados dos quadros jornais de Lisboa para tratar não só de resolver a forma de auxiliar os componentes do quadro de «O Mundo», mas de solucionar o caso. Depois de explicações dadas por um membro da direcção, pronunciaram-se todos os delegados, ficando resolvido convocar para a próxima terça-feira uma reunião de todos os componentes dos quadros dos jornais de Lisboa, para em definitivo se resolver o caminho a seguir e a forma de não só auxiliar esses colegas como também todos os desempregados.

Vendedores de Jornais.—Reuniram ontem a nova direcção juntamente com a comissão revisora de contas, para apreciar os trabalhos a seguir, deliberando entre si convocar a assembleia geral para o dia 24 do corrente, pelas 18 horas. Ordem dos trabalhos: Parecer da comissão revisora e vários outros assuntos respeitantes à classe.

Federação Mobilíria.—Reuniu ontem o Conselho Federal para se pronunciar sobre a orientação dos seus delegados ao Conselho Confederado. Aprovada a acta, leu-se o expediente ao qual foi dado o devido destino. Pautada a acta, a tomar pelos delegados no Conselho Confederal foi aprovada a moção que noutro lugar publicamos.

S. U. Mobilíria.—Comissão de Melhoramentos.—Reuniu ontem com o pessoal da casa José Henriques (pátio São Vicente) para tratar da questão do horário de trabalho que se dizia ser lá desrespeitado. Apurou-se que de facto se fizeram em tempos horas suplementares, tendo já isso acabado. O que sucedeu agora foi originado no facto de alguns camaradas fazerem alguns trabalhos para si depois da hora. Assentou-se em procurar evitar estes factos para evitar erradas interpretações, continuando-se a não fazer horas suplementares. Ficou também resolvido procurar elevar os salários, dada a sua exiguidade.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—Reuniu ontem o Secretariado entre outros assuntos resolveu o oficial ao camarada encarregado de elaborar as actas do Congresso, fazendo-lhe sentir a conveniência de as concluir com a máxima brevidade, pois que implica a situação moral dos componentes do secretariado.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Refinadores de Açúcar.—A assembleia geral, pelas 21 horas.

Pessoal de Câmaras.—Hoje, pelas 18 horas, assembleia geral para eleição das comissões administrativa e revisora de contas.

DIAS PRÓXIMOS:

Carpinteiros Navais.—Reúne amanhã pelas 21 horas, a assembleia geral para nomear uma comissão revisora de contas.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Mineiros de Ajustrel—Este sindicato reuniu em assembleia geral nomeou os seguintes corpos gerentes para 1925: Direcção: presidente, João José Patrício; secretário administrativo, Manuel Patrício; tesoureiro, Eduardo José Silvino e vogais, Manuel Estubainha e Diogo Luís. Assembleia geral: presidente Manuel Tadeu e secretário José Luís Vicente e Manuel Godinho Cincorreis.

Associação do Pessoal dos Hospitais Civis (Delegação de Coimbra).—Realizou-se a assembleia geral do pessoal desta delegação, para aprovação de contas da gerência de 1925 e para dar posse à nova direcção que ficou assim constituída: Presidente, Zeferino Soares; vice-presidente, Aires Barata; secretários, António Alves e José Silvério Pita; tesoureiro, Manuel Duarte; vogais, Manuel António Pereira e Daniel Duarte de Carvalho.

AS GREVES

Pessoal da fábrica Vulcano

Reuniu ontem todo o pessoal da casa Vulcano e Colares, tendo apreciado a resposta que a administração deu quando lhe comunicaram a existência da greve. O engenheiro declarou que o pessoal tinha sido considerado ontem todo despedido.

A assembleia ao tomar conhecimento desta deliberação da administração manifestou-se entusiasticamente com vivas à greve, deliberando não voltar ao trabalho enquanto não forem atendidas as reclamações.

O S. U. Metalúrgico pede para nenhum camarada ir trabalhar para aquela fábrica a fim de não traír um movimento tão justo.

rencias de vencimento correspondentes a três meses em dívida, reclamação esta já de há muito pendente de solução.

A pedido da mesma comissão, o sr. administrador geral prometeu receber hoje, de novo, os comissionados a fim de ficarem definitivamente aclarados alguns pontos um tanto obscuros para cujo fim, igualmente, prometeu estudar ontem, ainda, os respectivos assuntos.

Os mesmos comissionados, juntamente com uma comissão delegada do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, pretendem ontem avistar-se com o ministro do Comércio; todavia, como aquele titular tivesse de retirar para a Figueira da Foz no comboio rápido da tarde, convidou os referidos comissionados a procurarem-no na próxima segunda-feira, dia em que conta regressar a Lisboa, a fim de lhes transmitir a